

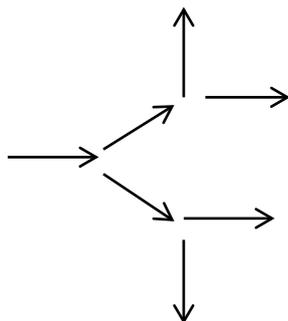
Quem é Eu?¹

MD Magno

Borges tem um conto intitulado *O jardim dos caminhos que se bifurcam* [*El jardín de senderos que se bifurcan* (1941)], no qual mostra a lógica, na verdade ocidental, de um ponto de partida em que, diante de cada momento, cada situação, temos que escolher para um lado ou para outro – e isto se desenvolvendo infinitamente. Em contrapartida, Fernando Pessoa, em algum poema, diz: “Como alguém distraído na viagem / Segui por dois caminhos par a par” – obviamente isto não é possível, mas é uma boa metáfora para o que quero trazer.

Se consideramos nossa situação no mundo, a cada passo de nosso encaminhamento supostamente para algum lugar, sobretudo do ponto de vista mental, temos que fazer uma opção. Na verdade, nossa mente costuma funcionar em oposição. E não é uma questão puramente ocidental, pois o pensamento oriental põe o mesmo tipo de questão. Por exemplo, na China, *yin* e *yang* como oposição, etc. Assim, a cada passo da vida temos que fazer uma opção: estamos diante de uma bifurcação e escolhemos. Ou não, pois existe a neurose obsessiva que fica na porta, na dúvida eternamente sobre qual caminho seguir. Se não levar um empurrão analítico, ficará ali. Esse funcionamento ocorre na histérica também, é típico das neuroses (estou usando a linguagem antiga, os termos conhecidos, embora não goste deles e os chame de *morfóticos estacionários* positivos e negativos). As histéricas, estas, param e não conseguem continuar porque querem os dois ao mesmo tempo. Geralmente, então, o que fazemos é escolher aqui alguma coisa, depois, acolá, outra... e fica esse caminho:

¹ Texto resultante de fala do autor no POP: Polo de Pensamento Contemporâneo, RJ, 03 julho 2012.



Andando-se para a frente, os caminhos de ida são em bifurcação. Quando, nessa infinidade de bifurcações, escolhemos um caminho a cada momento, perdemos aquilo tudo que está em volta e nossa vida fica um pouco menor, como a de todos. Isto é mais ou menos o que Freud chamava de Recalque: se escolhemos um caminho, recalamos os outros, e para reconquistá-los é extremamente difícil, aliás, impossível.

Mas existe neste planeta pelo menos um modo de pensar que faz o caminho em unificações de volta. Ao invés de ir fazendo as escolhas pura e simplesmente, tenta recuperar a cada passo e a cada momento qual era sua situação *antes* da escolha do caminho. Uma coisa é escolher o caminho, outra, referindo-se ao antes de fazer essa escolha, pensar qual era a situação no momento anterior. Parece que o único pensamento que faz isto se chama **Psicanálise**. Foi isto que Freud trouxe.

Quando estou no caminho de ida, com a bifurcação à minha frente, para optar por um dos alelos – uso o termo da biologia porque é simpático – do caminho, devo considerar as duas opções para fazer eventualmente uma escolha. Quando estou no caminho de volta, com a unificação à minha frente, para retomar a situação anterior, tenho que invocar o outro alelo que foi abandonado. O primeiro caminho é o do Recalque para o que chamamos de Inconsciente; o segundo é supostamente o caminho do desrecalque, ou da conscientização do que está jogado no Inconsciente. O primeiro é sempre binário: tenho que optar diante de uma oposição, ou isso ou aquilo; o segundo é unário ou bífido: quando estou de retorno, passo para uma topologia completamente diferente, que é pensar em termos de suspensão da dualidade ou considerar que o caminho anterior à minha escolha é um caminho que, *ele*, resulta em duas possibilidades. Isto não é a *coincidentia oppositorum*, do velho Nicolau de Cusa, a suposição de que os dois elementos que se opõem se reúnem no

elemento anterior. Trata-se, ao contrário, de que o caminho anterior gera dois caminhos em oposição. Estes caminhos não estão coincidindo, é o caminho que, ele próprio, repito, gera a oposição.

O caminho dos outros discursos que costumamos frequentar, pelo menos na cultura ocidental, é de ida: vai abandonando e seguindo como um trator para um suposto fim que ele acha que sabe onde está (se não, não andava). O caminho da psicanálise é de volta, de retorno ao que foi recalçado, o que é algo que as pessoas têm dificuldade de entender. Mas acontece que, no momento atual, algumas regiões das ciências ditas duras estão tentando percorrer esse caminho de volta que é o nosso. Por exemplo, o que está em grande esforço de produção na chamada computação quântica com seus qubits, que funcionam para ambos os lados ao mesmo tempo. É uma tentativa em ciência dura de fazer o percurso que é o costumeiro da psicanálise. Este caminho de volta, de retorno ao recalçado – costuma-se falar em retorno do recalçado, mas há o retorno *ao* recalçado –, da consideração da bifididade² anterior à bifurcação, é o que torna o discurso da psicanálise tão estranho para os outros discursos e mesmo talvez esdrúxulo para o senso comum. Isto faz uma diferença radical: a psicanálise não tem a mesma lógica dos outros discursos.

Vamos, então, brincar de fazer análise. Se viermos descendo do último ponto onde estávamos e resolvermos fazer o caminho de volta do recalçado até sua última instância – chamo de última instância a suposição daquele primeiro caminho que, em algum momento, começou ou que tem origem naquele lugar –, se conseguirmos chegar por esse caminho, ao invés de procurar desrecalcar tudo, chegaremos ao primeiro recalçado. Ou seja, repetindo, se em meu caminhozinho pessoal fizer o retorno até à última instância, chegarei ao primeiro recalçado. Freud não sabia muito bem o que fazer com isso, então chamou de *recalque originário*. Para ele, deveria ter um recalque que é o primeiro de todos e que determina o recalque sucessivo que vai aparecer em seguida. Mais para trás desse recalque originário não tem nada. Aliás, não tem nem nada, pois nada já é muita coisa, é indiferenciação. Quando não posso estabelecer a diferença, estou com nada, mas não é isto, é menos do que nada, é:

² Para aprofundar a questão da bifididade, cf: *O Halo Bifido do Inconsciente*, de MD Magno. Acessar: http://www.tranz.org.br/5_edicao/TranZ10-Magno.pdf

não-há. Os filósofos, há muito tempo, gostam de pensar no nada, mas o nada é uma bobagem, é coisa demais.

A psicanálise lida com algo mais terrível que é: não há nem nada para trás desse lugar. Mais para trás desse lugarzinho supostamente originário só “há” – entre aspas, porque não há – o **não-Haver**. Como o nome está dizendo, o não-Haver não há. Estamos, então, diante do Impossível Absoluto. Isto dói nas pessoas, pois retornamos, retornamos... e ficamos diante de quê? De menos do que nada, diante do que não há. Ali é o absolutamente impossível. Nos outros lugares, dependendo do preço e do investimento que se fizer, pode-se até dar um jeito de romper a impossibilidade local (que chamo de “impossibilidade modal”). Ou seja, mediante um esforço qualquer, podendo pagar o preço e com certo tempo, deslocamos uma impossibilidade regional, mas aquela Lá não tem deslocamento, pois não tem nada para trás dela. Se chegamos nesse lugar – por exemplo, em análise, porque tivemos um ataque místico, ou algo parecido –, nosso único recurso é retornar para dentro do que há, para dentro do Haver, com sua bifididade sempre se resolvendo em binariedades. Daí se encaminham todas as nossas dúvidas obsessivas, inclusive a do René Descartes, todas as nossas oscilações, nossos tropeços, nossas frustrações históricas por não podermos tudo.

Como esta estrutura se repete em nossa mente, temos a competência – que conhecemos só em nossa espécie – de sempre poder requerer bem o contrário do que quer que para nós se coloque. É a maquininha de opor-se a qualquer situação, de ter a possibilidade de dizer o contrário do que quer que apareça. Chamo a esta maquininha que faz isto em nossa mente de **Revirão**. É assim que funcionamos, queiramos ou não: ao que quer que se coloque, o oposto pode ser pensado, pode ser até requerido, e vivemos nessa loucura. Num trecho do *Fausto* (Ato I), diz Fernando Pessoa:

O mistério supremo do Universo
O único mistério, tudo e em tudo
É haver um mistério do universo,
É haver o universo, qualquer cousa,
É haver haver.

Ele chamou de mistério, mas acho que não tem mistério algum. Haver **Haver** é, para nós, a definição de **Real**. O Real é que: **Há**. Esse Haver é imanente a todas as suas

formações. Chamo **Formações do Haver** o que quer que se componha dentro do que há: tudo são formações. O que quer que compareça para nós é formação: física, mental, estelar, etc. Reduzo tudo à ideia de Formações. O Haver é imanente a todas as formações, isto é, qualquer Formação do Haver, antes de mais nada, ela **há**. Isto é que é chato. Saíam dessa! E vem a pergunta cretina (desculpem-me os filósofos): por que há o Haver, e não antes o não-Haver? Porque o não-Haver não há! O nome não está dizendo? Chama-se: não-Haver. O nome há, mas o não-Haver não há. Donde se depreende que **só há o Haver**. Ora pois!, como dizem meus outros patrícios.

Acontece que Freud, concordando com a física de seu tempo, que havia mostrado, como segunda lei da termodinâmica, a ideia de *entropia* – ou seja, do destino mortal de toda e qualquer energia –, porque uma mulher lhe ensinou (a famosa Sabina Spielrein³, que agora está no cinema), acabou por reconhecer que existe **Pulsão de Morte**: existe um tesão de morrer, um tesão de acabar. Melhor ainda, Freud reconheceu que toda Pulsão, todo tesão, não quer senão sua própria extinção. Isto fez Lacan concluir que toda Pulsão é de morte.

Freud ficou algum tempo fazendo a oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte porque era chique, quase filosófico, fazer oposição. Fez isto até chegarmos à conclusão de que toda Pulsão, se quer extinção, só pode ser de morte. Ela parece ser pulsão de vida na *resistência* daquilo que ela carrega para o fim. O que nosso tesão pretende alcançar com não-Haver – ele quer voltar para o não-Haver – é impossível, e justamente porque é impossível, há esse Recalque Originário: tudo resiste. Isto, aliás, é chato à beça. Aí o cara tenta se matar e se mata, mas quebra a cara, pois não vai encontrar o não-Haver. Ou seja, a Pulsão de Morte não deixa morrer. É terrível!

Eu, então, por minha conta, resolvi anotar essa constatação definitiva como sendo **A Lei** do próprio Haver. Escrevo-a assim: **Haver desejo de não-Haver** (A→Ã). Não estou falando de lei no sentido jurídico ou no simbólico do doutor Lacan, e sim de Lei no sentido da *physis*, que vai repercutir em todas as nossas considerações. No sentido, por exemplo, que o conceito de entropia tenta desenhar. A Lei é: Haver deseja não-Haver. Como não-Haver não há, isto é impossível. Então,

³ Referência ao filme *Um método perigoso*, de David Cronenberg (2011).

nunca poderemos cumprir a Lei, nem o universo, ou melhor, o umdiverso, poderá. Se considerarmos essa ALEI, poderemos verificar que há apenas duas modalidades possíveis de operação-desejo, ou libido, pulsão, tesão, como quiserem. Há duas maneiras possíveis de desejar, duas maneiras únicas de aplicar nosso tesão, as quais, por mera comodidade, mas não sem motivo⁴, resumirei chamando-as de Ocidental e Oriental.

Ocidental, é do domínio ou do condomínio daquele moço chamado Jesus – ele está na moda, é o símbolo dessa coisa ocidental –, que Lacan, como bom cristão e católico lá no fundinho, chamava de “não abrir mão de seu desejo”. Esta é a ética do doutor Lacan para a psicanálise. A afirmação do desejo que aparece aí é uma posição positiva, se não for mesmo, às vezes, positivista. Busca pessoal, por exemplo, por Deus – querem encontrar esse cara de qualquer maneira – que está em Descartes e na ciência moderna, que Lacan sustenta subvertendo juntamente com a subversão que tenta fazer, ou faz, do sujeito cartesiano.

Como sabem, o pensamento ocidental tem passado a vida tentando resolver a questão de *sujeito* e *objeto*, que é sintoma do Ocidente. Vários pensadores, uns seguidos dos outros, fizeram o esforço de tentar dissolver isso das mais diversas maneiras. Lacan inventou para a psicanálise, criticando freudianamente o sujeito de Descartes, o que chamou de “subversão do sujeito”, fazendo o sujeito desaparecer como se fosse mero buraco entre duas coisas, e fazendo o objeto aparecer como se fosse outro buraco: o buraco de cá quer o buraco de lá. É mais ou menos assim, para fazer barato o pensamento de Lacan: um buraco que deseja outro buraco. Costuma ser ao contrário, o buraco costuma querer outra coisa, mas resolveu-se assim no pensamento dele. Se ele fez a subversão do sujeito, fez também a subversão do objeto nessa coisinha algébrica que chama de objeto *a*. Observem, portanto, que o Ocidente tem feito várias tentativas de subversão desse sujeito e desse objeto, mas sempre mantendo a oposição entre natureza e cultura, natural e artificial – são cacoetes do Ocidente.

Há também a predominância ocidental da **paranoia**, que Lacan descreveu muito bem quando considerou que o conhecimento é sempre paranoico. Viver na

⁴ Quanto a isto, recomendo a leitura de um filósofo francês – embora não ache que ele seja filósofo – chamado François Jullien, do qual há vários livros publicados em português.

dominância da paranoia é, ao invés de considerar as coisas, considerarmos as pessoas. Falando de maneira barata, estamos sempre numa transa – que alguns chamam de intersubjetiva – com tudo tentando se resolver no conflito com o outro. Mas este não é o único caminho, há outras maneiras de lidar com o mundo sem ser dessa maneira paranoica.

Há a maneira **oriental**. Digamos que esta seja o domínio ou condomínio de Sidarta, aquele que fundou o budismo. Ao invés de insistir positivamente no desejo, apostando eticamente nisso, ele diz que é melhor desejar não desejar – é mais sereno, mais sossegado. No entanto, desejar não desejar é ainda desejar. Não se escapa desse empuxo dentro do Haver: ou desejamos desejar, desejamos positivamente; ou desejamos não desejar. Não há outra saída. Se alguém conhece outra, por favor me ensine. Então, suspensão do desejo: a posição do desejo aí é negativa, é acorde com a natureza, como dizem. Ao invés de fazer oposição entre natureza e cultura, entre artifício e naturalidade, eles vão junto com o que há. Não existe oposição entre natureza e cultura para esse Oriente geral de que falo. No mal-estar ocidental, diante da sintomática ocidental, há uma linha enorme de pensadores que tentou evitar esta sintomática e pular fora. Por exemplo, Espinosa, Hume, Nietzsche, pessoas que tentaram de algum modo escapar da pressão ocidental, dando a impressão de que a coisa é meio oriental no caso deles.

O pensamento oriental tem uma predominância que chamo de **metanoia**, o oposto da paranoia. Ao invés de estar na relação entre pessoas e no conflito entre pessoas, eles olham para as coisas. Estão interessados em resolver as coisas, e não muito nas pessoas: estão interessados no que acontece e no que se faz com o que acontece. Esta é uma posição metanoica. Em termos da velha psicanálise, é como se disséssemos que o Ocidente é predominantemente paranoico e o Oriente predominantemente perverso. Notem que perverso não é nada disso que as pessoas costumam saber. Resolveram xingar algumas pessoas de perversas, o que é um problema policial, e não psicanalítico.

Quando a Pulsão encosta em algo, quando sofre um encosto, quando o desejo encosta em alguma formação do Haver, aparece a resistência dessa coisa: essa coisa

resiste enquanto coisa porque o desejo encostou nela. Gosto da palavra *encosto*, usada no espiritismo e na macumba. O termo freudiano para isto é *Anlehnung*, apoio, anáclise. Para quem se interessa por filosofia, Espinosa chamava de *conatus* a resistência, a insistência de cada formação em não querer abrir mão de seu modo de existência. É o encosto do tesão, da libido.

Determinada formação, uma vez que aparece, sabe-se lá por que, a física não resolveu isto até hoje, ela resiste, aproveita-se do tesão, da pulsão, para insistir em sua existência. É o encosto da libido nas formações – coisa que realmente há – que facilita para o Ocidente a separação sujeito/objeto. Ou seja, de fato, a energia pulsional é capaz de encosto, e levar em consideração por esse lado, do encosto da energia nas formações, facilita para o Ocidente pensar a diferença sujeito/objeto. Isto porque está *eu* para cá e *aquilo* para lá. Como o encosto que se deu aqui requer aquilo lá, fico na oposição entre minha posição e o objeto no encosto de meu tesão.

Do mesmo modo que considerar pelo lado do encosto (não determina, mas) também facilita a separação homem/natureza, pois se acha que o homem está pensando e sentindo para cá o que é da natureza. Mas, afinal de contas, esse homem veio de onde? Ele surgiu fora da natureza? Esta é uma das estupidezes do pensamento ocidental. Assim como facilita a oposição natural/artificial. Natural é da natureza, artifício é do homem. E o homem é de onde, da natureza ou do artifício? E a natureza, é natural ou artificial? Alguém resolve esse problema?

Ao passo que, para o que estou chamando genericamente de Oriente, a consideração do desejo como indesejável – que é o pensamento de Buda: o desejo aborrece a vida –, considerando portanto o desejo em si mesmo, desgrudando-o das Formações do Haver, ou seja, evitando o encosto, esta consideração facilita a *não* proposição do objeto e conseqüentemente de nenhum sujeito. Está desencostado, solto. Desse modo, facilita a mesmidade homem-natureza. O homem oriental é natural, o homem ocidental é artificial. Para não me deixar perseguir por esse tipo de bobagem, chamo tudo de **Artifício**. Temos, então, o **artifício espontâneo** e o **artifício industrial**. O espontâneo é o que aparece porque apareceu; o industrial é o desta nossa espécie que, com sua maluquice, começa a fazer coisas.

Devemos também lembrar que, fora de nossa posição ocidental, há línguas sem gramática, praticamente sem sintaxe e, sobretudo, sem sujeito ou objeto. São línguas com as quais se significa, se comunica e se vive muito bem. Não precisam dessas categorias porque não são necessárias, são formações de um modo de operar um caminho que estou chamando de ocidental. A ideia de sujeito com seu arrogante *livre arbítrio*, pode não ser mais – e não penso isto sozinho, há quem pense da mesma maneira – do que a consciência do *ego*, isto é, de minhas formações, do fundamento, alicerce, estofo, substância ou base, da cogitação, do pensamento. O Ocidente tentou suspender de alguma maneira a concretude que Freud chama de ego inventando a ideia de sujeito como se ela pudesse saltar fora disso, mas sua base é egoica. E depois que essa base funcionou para a invenção do sujeito, vêm suas críticas e reinterpretações da filosofia e de outros pensamentos.

A palavra latina para sujeito, *subjectum*, é derivada do verbo *substare* – lançar embaixo, estar por baixo, estar lá embaixo – que deu origem à palavra *substância*. Então, sujeito é substância? Substância é sujeito? Como resolver isso? Limpar essa substância chamada sujeito de sua origem tão suja vai custar um longo périplo de Agostinho, Descartes, Kant, Husserl até o sujeito-intervalo de Lacan. Como sabem, o sujeito intervalar de Lacan é bem definido. O que é, para ele, um sujeito? É aquilo que um significante representa para outro significante. Mas o que é mesmo o significante? É aquilo que representa o sujeito para outro significante. É simplíssimo... para vermos a confusão em que nos metemos. O próprio Lacan, já que fez uma definição, embora ocidental, tão em vazio como a que fez, poderia ter abandonado a ideia de sujeito, mas como permanece na linhagem de Descartes, o que é evidente, não a abandona. Por outro lado, mesmo com sotaque ocidental, Espinosa e Nietzsche tentam eliminar essa ideia.

Observem que não os estou considerando filósofos, e sim pensadores, pois não tenho compromisso com filosofia. Então, há **pensadores de vocação ocidental** e **pensadores de vocação oriental**, que existem também no Ocidente – e, felizmente, há **pensadores flex**, como Freud, que andam de Ocidente, de Oriente, dependendo do combustível que houver no posto. Como subversor da ordem cartesiana, Lacan também tenta ser flex, mas finalmente insiste na posição ocidental e cristã.

A psicanálise com Freud, aquela que ele inventou, assim como o que chamo de NovaMente – que é minha posição: Freud NovaMente –, vive diante desta situação: nem optando pelo pensamento ocidental nem pelo oriental, ou senão ficando de um lado para outro para ver se consegue resolver alguma coisa. Vimos Lacan, no final de sua obra, mesmo tentando restar ocidental, fazer investidas no sentido oriental. Por exemplo, foi aprender chinês, estudar o pensamento zen para escapar da pressão positivista do Ocidente. A posição de Freud, como a nossa, é de suspensão e suspeição. Diante de qualquer situação, suspenda e suspeite: deixe em aberto, ou melhor, tente conseguir uma posição de **indiferenciação** do que pintar, tente ser indiferente. Isto não é ser desinteressado, e sim ser absolutamente interessado em qualquer coisa com o mesmo valor, tanto faz. É a posição de considerar e tentar resolver as questões *ad hoc*, a cada caso, a cada momento, a cada situação. Este é o pensamento de Freud.

Na verdade, a grande subversão da ordem mental do Ocidente, a grande subversão da ideia de sujeito, é abandonar a ideia de sujeito. Abandono este preconizado por diversos pensadores mais recentes, o que, depois da morte de Deus, que Nietzsche tinha anunciado, se qualifica hoje como a “morte do sujeito”. Por exemplo, Foucault, bem conhecido no Brasil, deixa claro que o ser sujeito desta nossa espécie não é, nunca foi, a única maneira de ser homem, ou do ser do homem, mas apenas uma invenção recente e passageira. E mais, declarando a “morte do homem”, indica que este apareceu no final do século XIX e poderá desaparecer juntamente com os saberes a seu respeito *assim que uma nova configuração do saber o tornar irrelevante*. Isto está em *As palavras e as coisas*, publicado em 1966, com o que concordo plenamente. Não que ele já tenha morrido, porque é tihoso, mas que é uma coisa eventualmente dispensável.

Nossa operação em psicanálise – isto é, minha operação dentro da psicanálise – faz parte dessa tentativa de reconfiguração quando preconizamos a ideia de **IdioFormação**, a qual, para nosso caso específico de terrestres, chamo do modo antigo de **Pessoa**. Isto, para evitar o termo sujeito, e em homenagem a meu caríssimo Fernando propriamente dito. Uma IdioFormação, em qualquer parte do Universo, ou melhor, em qualquer parte do Haver, seja qual for sua constituição

material, é toda formação composta de Primário, Secundário e Originário. Então, onde quer que apareça qualquer formação – feita de base carbono, matéria plástica ou silicone, pouco importa – assim composta, é que nem nós, é IdioFormação.

Vejamos o que é Primário, Secundário e Originário. Somos uma espécie que tem uma formação dada, que outros, não eu, chamam de natureza. Nasce aquele boneco composto de uma corporeidade que chamo de *autossoma* e com muitos programas de funcionamento desse autossoma em suas partes e entre suas partes, assim como com sua transa com outras formações do Haver. É muita coisa pré-programada, uma quantidade enorme, pois o homem não é uma tábula rasa, não vem em branco. Temos, então, o autossoma, a constituição do boneco, e o que chamo de *etosoma*: a grande quantidade de programas de seu funcionamento.

Acontece que, nesta espécie, como em qualquer outra que apareça assim no Haver, dentro desse **Primário**, composto de autossoma e etossoma, aconteceu um troço esquisito que é, diferentemente de outras formações parecidas – os animais, por exemplo –, não ter a programação de seu funcionamento definida para sempre. Isto porque esta espécie porta a maquininha de *Revirão*, que mencionei antes e que é interna à sua própria formação. Ou seja, podemos querer, pensar, desejar, até querer fazer qualquer coisa que não esteja em programa algum: ao que quer que apareça, podemos querer o contrário. Isto deixa o boneco maluco, ele fica meio doido desde pequenininho por ter essa possibilidade.

Chamo de **Originário** a isso que nasce dentro do Primário como reviramento. É chamado assim porque funda este tipo de espécie, a qual, justo por ter isso, é que é diferente das outras. E, por ter isso, começa a produzir o **Secundário**, que é o que chamam de simbólico, languageiro, cultura, etc., tudo que os outros bichos não produzem e que produzimos – e que é a massa do Secundário. Então, temos Primário, Originário e, por isso, Secundário.

Assim, onde aparecer qualquer coisa que tenha isso, será colega, não importa do que seja feita. Esta espécie é tão enlouquecida que é capaz de fazer uma IdioFormação de lata, um computador-gente, que não tem formação carbono, mas vai conversar comigo, ser doido como qualquer um de nós, completamente sem

razão. Isto porque racionais são os outros animais: cachorro só cachorriza, gato só gatiza, nós não sabemos o que devemos fazer. Enchem-nos de ideias e ficamos achando que somos brasileiros, filhos de tal família, dizem-nos para “não fazer besteira que fica feio”... Aí acreditamos e viramos um *neo-animal*, pois não temos mais mobilidade. Mas como o Inconsciente funciona, isso resvala e acabamos “envergonhando a família” por algum motivo...

O interessante é que para esta IdioFormação, onde quer que apareça, não há conhecimento possível da **Morte**. Freud dizia que não há morte no Inconsciente. Digo que não só não temos experiência alguma de morte, tanto a própria quanto a de qualquer outro, como nos deparamos com mortos cujo desaparecimento não conseguimos explicar para nossos sonhos, nossas lembranças, nossos sentimentos. Por que não temos saída para isso? Porque **não há morte**. Confundimos o morto, a perda, com a morte. Ninguém tem experiência dela e jamais terá, pois, antes de morrermos, apagamos. Só estamos mortos quando estamos completamente apagados. Então, se apagamos, como teremos a experiência do apagão? Não existe essa experiência. Quando o outro morre, temos uma perda. Isto, se nos interessamos, se não, temos um ganho, ele já vai tarde.

A psicanálise explicou a experiência que pensamos ser de morte como experiência de perda com o nome de *castração*. Este é um dos modos de aparecer desse conceito de Freud. É decepção, que é o mesmo que decepção. Perdeu, mas não há conhecimento algum de morte aí. Então, indo por essa via, assim como Deus morreu, segundo Nietzsche, assim como o sujeito morreu, segundo Foucault, podemos dizer que **a morte morreu**. A morte morreu para a lucidez decepcionada da dita humanidade contemporânea. Marcel Duchamp, que tinha tiradas maravilhosas, mandou escrever como epitáfio em sua sepultura: “*D’ailleurs ce sont les autres qui meurent*”, ou seja, “Aliás, são sempre os outros que morrem”. Quem morre é sempre um outro. É como perverso, ladrão, filho da puta... que é sempre outro, já notaram?

Por outro lado, dada a insistência do significante, ou melhor, da letra, como diz Lacan – isto, só para ter onde me pegar –, podemos também afirmar a

imortalidade de Deus, bem como do Homem, bem como da Morte. Se isso fica falando na cabeça da gente, se aparece no sonho, no sentimento, etc., então também é imortal, mas não no Primário. É imortal no Secundário. Como confundimos facilmente – qualquer índio faz isto –, como isso se mistura em nossa mente, ficamos atribuindo havência no Primário a coisas que só têm havência no Secundário. Por exemplo, se está escrito, logo existe, tem havência, mas *no Secundário*. Se está escrito “Deus”, isto existe? Sim. Onde? Lá mesmo. Ou as ficções já não existem mais? São ideias que perseguem nossas tramas mentais e nossas transas sociais. Esses fantasmas fundamentais insistem em nossas elucubrações justamente porque não temos como os atingir concretamente e assim não os podemos explicar.

Este é o problema da existência do que quer que seja que tomarmos como **Ser**. Ser é aquele negócio da filosofia, que acaba dando em uma ontologia. Então, tem o problema do Ser e o problema da Existência – é um negócio meio complicado porque tem essas duas coisas. O que tomarmos por algo que *é*, e não algo que *há*. Em minha articulação, fiz questão de separar o verbo *Haver* do verbo *Ser*, coisa que nenhum filósofo quis fazer. Falam “o Ser” propriamente dito diante dos entes. Para mim, Haver é Haver. O que é isso que há é outra coisa. Quando me deparo com alguma formação que há, começo a me perguntar o que ela é, aí passei para o registro do verbo *ser*, para o registro da falação. *Ser* só tem no Secundário, não há Ser no Primário. No Primário *há*, no Secundário, além de haver, *é*. O que quer que passe por nossas falações *é* alguma coisa. Tudo depende de bem considerarmos o registro em que se põe alguma existência.

Uma coisa que *é* começa a tomar existência. Em que registro, no Primário, Secundário ou Originário? No Originário só existe o Haver e a possibilidade de reviramento. No Secundário, temos todas as falações da espécie em cima do planeta. Tudo que *é*, se *é*, então *há*, mas há no Secundário. Não vou procurar encontrar o que é do Secundário no Originário nem no Primário. Teve gente, feito Espinosa, que fez um esforço enorme, que pensou o Deus que é (“Eu sou aquele que é”). Ele levou uma sova dos judeus por causa disso, teve que ficar pobre, na miséria, e morrer jovem porque disse que o que há é Deus. Terrível isso. Tornou Deus imanente: Deus há. Deus é o quê? A Natureza. Ora, se achar que posso garantir o nome de Deus para o

que há, então está bom, então Deus há. Mas esta não é a aparição de Deus em todos os discursos. Este é o discurso de Espinosa. Pega quem quiser.

A ideia de *Ser* não tem diferença alguma da ideia de *Ter*. Costumamos dizer que não importa o que temos, o que importa é o que somos. Mas somos o que temos. Posso achar algo que não tenha como sendo eu? O que eu tenho? Infelizmente, tenho um corpo, uma porção de coisas na cabeça, etc. Você é o quê? Por exemplo, professor. Logo você tem o direito de ensinar na universidade, porque entrou lá. São posses que temos. Sempre ser é possuir, é ter. Os filósofos fizeram um esforço enorme para separar a ideia de Ser da ideia de Ter e colocar o Ser como algo que paira no limbo e com que a gente nunca se depara. Diferentemente da ideia de Haver, que é simplesmente o fato de, ao andar no escuro, darmos uma joelhada: Ai! Isto é Haver. Não sabemos no que batemos, só sentimos a porrada e a dor. Algo há, o quê? Acenda a luz para saber qual é o ser daquilo que há que te machucou. É esta a diferença entre Ser e Haver.

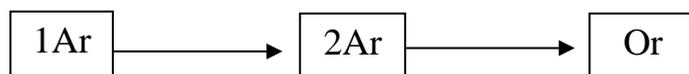
Uma Formação é aquilo que ela *tem*. Ela é suas formações componentes. Isto porque uma formação é composta de formações, que é composta de formações, que é composta de formações... Nem a biologia, a física, ou ciência alguma conseguiu chegar ao último elemento. A melhor novidade atualmente é a *teoria das cordas*, que veremos onde vai dar. Você é o que tem em qualquer registro. Então, fica claro que Deus, Papai Noel, a Morte, Saci-Pererê existem, que são as cegonhas que trazem os bebês... Por que não? Tudo isso é verdade e existe no registro secundário. Se formos tão tolos a ponto de procurar no Primário o que existe no Secundário, aí é a loucura propriamente dita. Típica, aliás, de discursos como o das religiões.

Faço a suposição de que há um “caminho necessário” – *creodo*, em grego (termo retirado da teoria das catástrofes, de René Thom) – para os movimentos da espécie. Isto, se ela se locomover, pois não se trata de alguma loucura hegeliana, hitleriana ou marxista de que a história se conduz necessariamente por aí. Tampouco quer dizer que a espécie tem o destino de percorrer esse caminho, e sim que, se ela se locomove, cai dentro de um creodo. Por exemplo, se jogamos água do topo da montanha, ela vai escorrer, pois é assim que a água faz. Faço, então, a suposição de um caminho

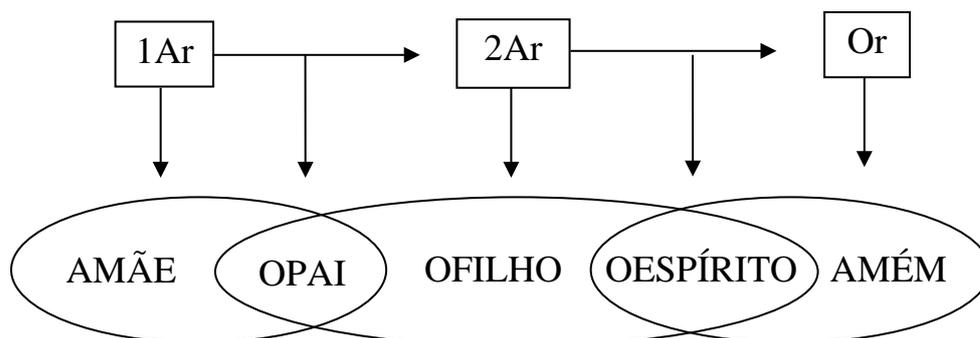
necessário porque há uma constituição sintomática desta espécie, que tem um Primário pesadíssimo. A espécie é maluquinha no nível secundário, por causa do Originário, mas sua base primária é tão careta, tão fixa, que faz um enorme trabalho de recalque. O Primário já elimina muitas possibilidades porque as recalca. Para virmos a indiferenciar nosso Primário temos que fazer muita análise, ou outro tipo de exercício que também leve a isso. As pessoas muito estúpidas pensam que são o Primário que têm. É claro que elas o são, *também*. Se elas o têm, são também isso, mas há o Secundário e a loucura do Originário.

Não posso pensar que sou compatível com meu corpo, não há a menor compatibilidade. Aprendi comportamentos, etc., mas minha mente, meus processos dentro do mundo são radicalmente independentes disso. Isto, se eu não for absolutamente recalçado por essa massa que diz que tenho que ser o que o boneco desenhou. Não existe isto em nossa espécie. Um cavalo é um cavalo, e o homem é o quê? Um homem? Não é, pode-se provar que muitos não o são. Mesmo se fôssemos bancar a poetisa e dizer que “um homem é um homem é um homem é um homem...”, na segunda vez a coisa já mudou. Se dissermos apenas “uma rosa é uma rosa”, acabou, ela vira rosa. Se dissermos “uma rosa é uma rosa é uma rosa...” já não é mais uma rosa. Repitam para vocês “um homem é um homem é um homem é um homem...” que vão esbarrar em alguma monstruosidade.

Minha suposição é de que qualquer IdioFormação começa a se comportar, por via de Recalque do Primário, na compatibilidade com o Primário e, pouco a pouco, se ela consegue caminhar, vai desenvolvendo processos de autossignificação no Secundário:



Então, digo que há os Impérios d’Amãe, d’Opai, d’Ofilho, d’Oespírito e do Amém. Chamo assim de brincadeira com certas religiões e para deslocar um pouco essas crenças.



O **Império d'Amãe** é o momento em que cada um pensa que é o filho da mãe. É o que vemos em antropologia. Quando se queria saber quem era tal cara, a resposta era: o filho daquela mulher. Isto é muito antigo e é difícil que pesquisa antropológica chegue ali, mas é como elefante, com aquela matrona que carrega todos os filhos em volta. Eles são os filhos da mãe, pois elefante não tem pai e nem saberia inventar um troço tão difícil, correr atrás do espermatozoide para descobrir. Então, suponho que, nos primórdios da humanidade, para todas as formações que chamo de **Idio**, a primeira referência de si era a referência materna, a referência a de onde saíram, eram filhos de alguma referência primária.

Depois, inventa-se um deslocamento, consegue-se inventar a ideia de **Pai**. Para isso, em nossa história, lá pelo Neolítico, tiveram que fazer uma separação grave, se não, as mulheres pulavam a cerca e já não se sabia mais quem era o pai. Aprenderam com o gado – tal bezerro é filho de tal vaca e de tal boi –, trancaram as mulheres, que não podiam transar com outro que não o seu dono. Aí nasceu a ideia de Pai. Para eles, pai só existia no Secundário. Hoje, procuramos colocar o pai no Primário, com exame de DNA, mas as coisas já cresceram tanto que esse Primário só interessa na hora da chicana jurídica. Fora isso, só interessa no Secundário. Depois, então, inventa-se o Pai como uma referência entre Primário e Secundário.

Ofilho é quando alguma parte da espécie descobre que o pai é uma referência e passa a tratar daquele que é produzido pelo pai e pela mãe como referência de existência. Em nossa concepção ocidental, é a invenção de coisa como o cristianismo, que chamo de Terceiro Império. Depois, começa a suspensão, inclusive dessas referências, e cada vez que aparece um elemento desta espécie – vejam que estou evitando a palavra *indivíduo*, que é certo conceito –, começa a ser computado por

uma vasta gama secundária, pouco interessando, em seu desempenho, se é filho da mãe ou do pai. Este é o Império em que estamos entrando, o Quarto Império, que chamo Império d'**Oespírito**. Espírito quer dizer *informação*, não é nada que vai baixar aqui. Estamos entrando no Império da contemporaneidade, que começa a tornar tudo muito estranho.

Ainda não conseguimos sair do Terceiro Império, que, aqui no Ocidente, é inteiramente cristão, mas, à revelia de nossos movimentos, estamos entrando no Quarto Império. Acho que isto é uma evidência para qualquer um, basta olhar para a internet, para a influência dessas massas secundárias em nossa vida, e inclusive para a modificação radical da política no mundo. Junto com o fim do Terceiro Império, que é um Império ideológico, cristão, marxista – que não acabou, dura ainda uns cinquenta anos de conflitos e mais duzentos para implantar o Quarto (que, apesar disso, já começou) –, está aparecendo um comportamento cada vez mais desligado. Não se trata nem de comportamento individual, pois a mesma pessoa tem os mais diversos comportamentos, as mais diversas situações, às vezes até conflitivas. Isto porque são as formações secundárias que habitam essa pessoa que são os elementos. Não se trata mais de fulano ou sicrano: fulano aqui é uma coisa, lá outra, e, sobretudo, é mero elemento da internet, mais nada. É o que está batendo em todas as situações, e com o que o mundo não está sabendo lidar muito bem.

Mesmo na política está assim: as ideologias e os grandes discursos filosóficos e literários estão completamente desmoralizadas. Ninguém que não seja gente velha que herdou o Terceiro Império quer mais saber disso. Se as religiões estão cheias de gente, sobretudo da massa mais ignorante aos interesseiros – é tudo apenas questão de interesse. As novas políticas que já são exercidas em diversas regiões do planeta são consideradas por alguns autores importantes e sérios como *políticas do fragmento*. Não se faz mais um ato político baseado numa ideologia para fazer uma revolução que será cristã, marxista ou da burguesia.

Os movimentos contemporâneos emergentes na política estão introduzindo o que chamo de políticas *ad hoc*. Um movimento político sério pode parecer um momento de guerra, mas é *ad hoc*. Por exemplo, a chamada Primavera Árabe, que é interessantíssima. É o começo da aparição política não revolucionária dentro do Quarto Império. Pesquisadores já demonstraram que não se trata de revolução

ideologicamente preparada e programada, e sim de uma solução política específica aqui e agora: trata-se de derrubar o tirano. Conversando com aquela massa de gente, constataram que não estão fazendo alguma revolução para ser isto ou aquilo, para ser anti alguma coisa, e sim para derrubar tal pessoa. Depois de derrubá-lo, pensa-se em outra coisa, será outro momento.

Então, o que é EU dada essa zorra? Tem o Eu linguístico, o Eu gramatical, o Eu ideológico... Em suma, tem Eu Primário, Eu Secundário e o Eu Originário que, este, é a base de nossa havência como IdioFormação. Existe o Eu Real, do Haver como tal: **há EU!** Há isso aqui, há, dói, não apaga, não dorme, finge que dorme, mas começa a sonhar. 'Eu' não dorme. É, sobretudo, o Real do Haver enquanto tal. Nesse lugar, quando digo Eu do ponto de vista real, não é o que sou eu, não é minha existência, é **tá aqui** (que não é *Dasein*), é isso que dói aqui. Qual é a diferença entre isso no Originário e isso que está no Originário de cada um? Nenhuma. No nível originário não há igualdade, é pior: qualquer Eu é idêntico a qualquer outro, é **identidade absoluta**. Igualdade é no nível do Ser, tem que ser estabelecida por um discurso, o discurso de uma revolução, por exemplo. No discurso jurídico "todos os homens são iguais perante a lei" – até que algum fique menos igual do que outros, como sabemos que fica. Na ordem do Ser, não é sério, o Ser é cafajeste.

O Haver não tem saída, o Haver *há*. E como há para cada um identicamente a qualquer outro, no nível do Haver não há diferença alguma entre um e outro. As diferenças só são percebidas no nível do Ser e no nível da existência. No regime do Haver, estamos todos identificados num mesmo lugar que chamo de **Cais Absoluto**, em homenagem a Fernando Pessoa. Este é um lugar de identidade que não é apenas entre nós, pois qualquer IdioFormação no Haver é idêntica a mim. Neste ponto, todas as IdioFormações são idênticas enquanto simplesmente haventes. Neste lugar Eu sou Você.

Talvez a única saída futura para uma posição política decente, fora dessa indecência chamada democracia, seja, a partir de um Quarto Império, a possibilidade de considerar a política a partir da identidade, e não da igualdade. Não há igualdade, todos somos diferentes. Não adianta colocar um ditame e dizer que todos são iguais

de acordo com aquele ditame porque é de mentirinha, é apenas uma convençãozinha. Todos são absolutamente diferentes. Não tem ninguém que seja meu igual, nunca vi e não vou ver. Mas sou **idêntico** a qualquer um no nível do Originário. Repetindo, talvez a política futura, ao invés de partir da ideia de igualdade ou de equanimidade, essas coisas que a política já pensou, possa pensar a partir da ideia de IDENTIDADE das IdioFormações. É um pensamento político radicalmente diferente do que já conhecemos até hoje.

Qual é, então, a **postura do analista** diante de tudo isso que joguei com essa maçaroca que nem mesmo sei se me faço entender, pois é muita coisa dita em pouco tempo?

Analista não é uma pessoa. Quando se diz “fulano é meu analista”, é mentira, isto não existe. Uma pessoa ele é, mas não como analista. É uma Pessoa porque tem Primário, Secundário e Originário, mas analista não é pessoa. Às vezes, me perguntam se sou analista e respondo: “sabe que não sei...”, ou senão: “tem hora que parece que é”, pois, realmente, não é verdade. **Analista é uma função**, isto é, uma formação específica que tem que ser instalada em uma pessoa de modo que a função desta formação possa reger os processos e procedimentos de uma análise. Ou seja, é uma função que algumas pessoas têm e outras não. Por isso, para se produzir um analista, para a formação de um analista, que é a coisa mais importante para que haja psicanálise, exige-se que se consiga a instalação de uma formação que possa reger os processos e procedimentos de uma análise. É uma formação que exige uma análise pessoal daquela pessoa para instalar a função analista. Isto, para que as demais funções sintomáticas da pessoa interfiram o mínimo possível em sua função analista.

Lembrem-se de que estamos pensando e raciocinando em nível de *formações*. Ninguém analisa uma pessoa, o analisando não interessa como pessoa. Interessam, sim, as formações que estão em jogo e que certa formação regente aqui possa levar a cada vez maior Indiferenciação, a cada vez maior reconhecimento da absoluta diferença daquela existência. E, ao mesmo tempo, enquadrando essa existência na absoluta indiferença de seu Haver. Essa pessoa, quando consegue muito, fica disponível para o que der e vier. Quando consegue pouco, fica um pouco mais

disponível. O que se persegue na análise é aumentar a disponibilidade de cada um. O chamado neurótico – nem falarei do psicótico, pois este é pior – é aquele que não tem disponibilidade: bateu no sintoma parou, não vira.